



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

PENSADORES DA LIBERDADE

FREEDOM THINKERS

PENSADORES DE LA LIBERTAD

CONSTANTINO, RODRIGO. **Pensadores da liberdade**. São Paulo, 2021, Editora Avis Rara, 448 páginas.

Márcio Magera Conceição, UNG, UNIP e CEF¹

Joelma T. P. Conceição, UNG²

Ricardo Costa, UNG³

<https://doi.org/10.47820/acertte.v1i5.46>

Apresento aos senhores uma resenha da obra do jornalista Rodrigo Constantino, um dos melhores livros que li sobre pensadores do mundo contemporâneo e modernidade. O autor divide sua obra em quatro partes e traz os vinte maiores pensadores dos últimos tempos no segmento da liberdade e conservadorismo econômico, social e político. Rodrigo Constantino é jornalista, escritor e atuou no mercado financeiro por algum período, hoje trabalha em vários meios de comunicação, o mais conhecido é a Rádio Jovem Pan, onde atua como comentarista político/científico no programa 3 em 1. Sem dúvidas esta será uma obra adotada pela academia nas áreas da política, economia, sociologia e filosofia para o entendimento das diversidades atuais. Uma grande contribuição para o tão conturbado início do século XXI, principalmente no contexto político brasileiro.

Já na introdução o autor destaca, com várias citações e justificativas, que as ideias são o que pode mudar o mundo para o bem ou para o mal. Acredito que somente ideias não podem trazer grandes mudanças, visto que a maioria da sociedade vive em uma bolha e quase não compartilha ideia alguma. A maioria é guiada como um bando, como retratou Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). Uma afirmação do autor, no seu texto, que me chamou atenção e com a qual também concordo, e vou reproduzir aqui até para chamar atenção da grande contribuição desta obra, “O

¹ Prof. Dr. Márcio Magera Conceição Ph.D, UNG; CFE - U.C Portugal Economista pela PUC- Campinas. MBA de Marketing - ESAMC, Sorocaba. Mestrado em Administração pela UNG - Guarulhos. Mestrado em Sociologia pela PUC - São Paulo. Doutorado em Sociologia pela PUC - São Paulo. Doutorado em Administração pela FCU - USA. Pós Doutor Unicamp - Campinas. Pós Doutor FCU - USA. Pós Doutor UC- Portugal. Jornalista e Escritor. Avaliador do MEC/INEP. Pró-reitor da Universidade de Guarulhos, SP. Editor-chefe da RECIMA21 – REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR. Professor do programa de mestrado Geoambiental da Universidade Guarulhos.

² Professor Universitária há mais de 10 anos. Mestrado em Administração de Empresas pela FACCAMP.

³ Professor Universitário da UNIP e professor do Mestrado Geoambiental da Universidade Guarulhos



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

mundo está repleto de oportunistas de plantão, manipulando os mais inocentes e leigos de forma a obter total controle sobre suas vidas. O melhor antídoto contra essa malícia é o conhecimento. Uma pessoa que aprende a refletir, questionar e buscar a verdade de forma objetiva e honesta dificilmente será uma presa desses oportunistas. Esta obra tem, portanto, o propósito de fornecer uma munição útil contra tais predadores, desmascarando muitas das falácias comumente utilizadas por eles. Além disso, tento apresentar — por meio da influência desses pensadores — o que entendo por liberdade, e como podemos lutar para chegarmos mais perto desse ideal' (Pag. 11). Assim, ele destaca que a educação e a formação na prática são responsáveis pelo futuro de uma nação e um país. Trazendo os clássicos e os liberais, esta obra repleta de informação poderá no final formar um cidadão mais independente e esclarecido para não cair nas garras das narrativas progressistas que oferecem dificuldades para vender facilidades.

O autor inicia sua análise com o filósofo inglês John Locke que viveu no século XVII. Retrata a importância da liberdade e a participação do povo nas decisões do governo e destaca a proteção dos três direitos individuais inalienáveis — vida, liberdade e propriedade. Na mesma perspectiva traz Hobbes para a conversa e liga os dois no princípio da liberdade natural, ou algo que já se encontra na natureza humana, o desejo por ser livre. No contexto da sua obra, Locke traz luz a revolução na Inglaterra, dando lugar a monarquia parlamentarista. Todo seu trabalho permeia um estado forte, mas permitido pela maioria do povo. Assim, o autor também compara Locke a Rousseau, o primeiro acreditava que o homem era dono de si mesmo, já o segundo que o grupo teria mais chance de se opor a tirania, ambos influenciaram a Revolução Americana e Francesa. Uma parte desta comparação que chamou a atenção foi quando o autor descreve, “Segundo Locke, nossos direitos vêm de Deus, não do governo, enquanto Rousseau pensava que abandonamos nossos direitos individuais em troca do julgamento do poder soberano. Para Locke, o direito à propriedade e aos frutos do nosso trabalho é o pilar fundamental de uma sociedade livre e justa. Já para Rousseau, a propriedade privada é o grande pecado da civilização, e o “todo” deve administrar a propriedade em prol da comunidade” (Pag. 19). Nessa comparação e afirmação que Locke disse que nossos direitos vêm de Deus, em sua obra, ele distingue os direitos do homem como criação divina e o homem como ser social. Seria importante esta distinção para que o leitor não pense que Locke colocava Deus como responsável pelos problemas sociais e políticos na Terra. Em toda obra o autor permeia o debate entre os filósofos e em algum momento deixa um pouco de sua subjetividade no texto, como visto nesta afirmação, “Como fica claro, John Locke, falecido em 1704, foi um dos fundadores do pensamento liberal moderno, que deposita no indivíduo seu foco, prega governo limitado e reconhece a premissa realista de nossa natureza humana falha. Já Rousseau é o pai do esquerdismo moderno, coletivista, estatizante e “igualitário” nos resultados. Se Locke ajudou a parir os Estados Unidos, nação próspera e livre, Rousseau foi crucial para a sangrenta revolução jacobina, que, apesar do slogan bonito, terminou no Terror da guilhotina e na ditadura de Napoleão. Nos dias atuais, as grandes disputas políticas continuam seguindo basicamente uma ou outra vertente” (Pag. 20).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

Nas páginas seguintes o autor disserta sobre a Revolução Americana pela independência da Inglaterra e seus conflitos com a escravidão. A separação da Igreja do Estado e a liberdade individual estavam sempre presentes nos debates acalorados dos americanos no parlamento. Muitos tratados foram assinados entre a Inglaterra e sua principal colônia, e no final veio sua liberdade enquanto nação em 4 de julho de 1776. A guerra deixou milhares de mortos e um país destruído pela sua longevidade, o conflito durou de 1775 a 1783. O autor descreve na prática os ideais dos grandes filósofos da época e como eles contribuíram para o processo de independência dos Estados Unidos da América. A afirmação do autor resume bem esta fase da história Americana e como ela contribuiu para as demais nações seguirem seus passos históricos, “A Revolução Americana representou um marco na história. Ali, homens sábios dariam um basta à tirania, influenciados por importantes pensadores iluministas. Suas ideias estavam de acordo com o sentimento popular. Os “Filhos da Liberdade” combateram o excesso de tributação, assim como a ausência de representação política. Não aceitaram ser apenas súditos da Coroa. Lutaram pela separação entre a Igreja e o Estado, assim como pela liberdade religiosa. Entenderam que o governo serve para proteger as liberdades individuais, e que cada um deve ter sua propriedade preservada, assim como deve ser livre para buscar a felicidade à sua maneira. Buscaram limitar ao máximo o poder estatal, e por meio da Declaração de Direitos, protegeram os indivíduos da ameaça do próprio governo. Compreenderam que a descentralização do poder é fundamental, e por isso respeitaram o modelo federalista” (Pag. 28). Tal dissertação acima deveria ser moldurada e colocada em cada sala de aula de todas as escolas do mundo, e tornar-se uma leitura diária dos representantes do povo. Vejo que o Brasil está muito longe da compreensão do que foi o movimento Revolucionário Americano e foi com muito sangue e guerra que eles conquistaram sua liberdade, enquanto aqui, os relatos históricos, descrevem uma “dor de barriga” do nosso libertador enquanto voltada da casa de sua amante (Laurentino Gomes, livro *1822*, Editora Globo, 2015). Talvez isto explique nossa malevolência enquanto nação, não precisamos lutar pela nossa liberdade, por isso, ela não chegou até hoje!

David Hume e Adam Smith entram para explicar o iluminismo e a religião no contexto do mercado e da sociedade em pleno século XVIII, apesar de Hume ser um filósofo cético e observador da natureza era defensor da liberdade do homem e a favor do livre comércio, seguindo assim, seu amigo Adam Smith que comungava com os mesmos ideais. Para eles, a religião servia como controle dos homens e o tencionavam para serem domados pelo medo, imposto nos dogmas da religião. Alega Hume que a religião nasce do medo e da esperança, o eterno conflito entre o bem e o mal, os instintos mais primitivos e básicos do homem. Na página 33, o autor cita um fala do filósofo David Hume sobre o Cardeal Belarmino, que viveu no século XVI e foi canonizado em 1930, como inversão de valores, visto que ele pregava o sacrifício como virtude para entrar no reino dos céus. Hume dizia que a religião trazia um conforto, mas junto com isto, vinha também os grilhões e o controle. Assim, o homem não seria completamente livre se precisasse acreditar em um ser superior supremo detentor de todas as respostas. Nesta parte do livro o autor descreve sua participação em um seminário sobre o filósofo David Hume e as várias versões e entendimento da sua obra, o que o deixou preocupado,



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

acreditando que eram muitas versões sobre a mesma coisa, e que, ainda no século XXI não se conhecia toda a obra deste grande filósofo social.

Na página 47 o autor descreve o economista e filósofo Adam Smith que viveu no século XVIII e escreveu o grande clássico *A Riqueza das Nações*, obra literária adotada no mundo todo, nos cursos de economia e sociologia moderna. A teoria da “mão invisível” é usada até hoje para explicar o comportamento do mercado e sua autorregulação entre oferta e demanda, criando a tal desejada harmonia social entre as classes. Uma utopia que a história já se incumbiu de provar que é impossível de acontecer, sem uma união universal dos homens em torno do seu bem comum. Ou como disserta o próprio Adam Smith, “O realismo em relação a essa tendência individualista dos homens já está presente na outra célebre obra de Adam Smith, *Teoria dos sentimentos morais*. Nela, Smith supõe um terremoto que devasta a longínqua China, e imagina como um humanitário europeu, sem qualquer ligação com aquela parte do mundo, seria afetado ao receber a notícia dessa terrível calamidade. Antes de tudo, ele iria expressar intensamente sua tristeza pela desgraça de todos esses infelizes. Faria “reflexões melancólicas sobre a precariedade da vida humana e a vacuidade de todos os labores humanos, que num instante puderam ser aniquilados”. Mas quando toda essa bela filosofia tivesse acabado, “continuará seus negócios ou seu prazer, teria seu repouso ou sua diversão, com o mesmo relaxamento e tranquilidade que teria se tal acidente não tivesse ocorrido”. Em contrapartida, o mais frívolo desastre que se abatesse sobre ele causaria uma perturbação intensa e real. Uma simples dor de dente poderia incomodá-lo mais do que a ruína de centenas de milhares de pessoas distantes. Não adianta sonhar com um homem diferente, mas irreal (Pag.55). O autor encerra a participação de Adam Smith afirmando que o livre mercado e a falta de governo podem trazer melhor qualidade de vida ao povo, mas um estado pesado e um mercado regulado pode levar a pobreza das pessoas.

Edmund Burke viveu também no século XVIII, foi um político de carreira que ficou conhecido como o pai do conservadorismo moderno. Defendia a família, a religião e o estado com algum controle, apenas para mitigar as diferenças sociais existentes na época. Ele foi um grande defensor da Revolução Americana, mas criticou a Revolução Francesa. Suas afirmativas chamam a atenção quando, “Burke considera que existem paixões e instintos que, quando não refreados nem dominados pela nossa razão, apagam em nós os traços da humanidade e justificam a restrição da liberdade com o objetivo de livrar o homem da “pior espécie de escravatura: o despotismo das próprias paixões, cegas e brutais”. E aprofunda sua explanação: “A sociedade não pode existir, a menos que um poder que controle a vontade e o apetite seja colocado em algum lugar, e quanto menos exista interiormente, mais dele existirá exteriormente. Está ordenado na constituição eterna das coisas, que homens de mentes intemperantes não podem ser livres. Suas paixões forjam seus próprios grilhões” (Pag. 77).

O autor também traz para esta discussão o economista Claude Frédéric Bastiat que nasceu em 1801 e foi um importante economista francês, cujos escritos pegaram em cheio os agitados anos da revolução de 1848, quando as discussões sobre o socialismo estavam em alta. A França flertava



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

cada vez mais com esse destino, e Bastiat, como deputado, foi uma das vozes mais firmes contra tais ideais. Ele usou muito humor e sátira para ridicularizar as bandeiras coletivistas e estatizantes. Em toda a sua obra, Constantino procura citar referências práticas das teorias que fizeram a diferença em seu tempo, quando disserta sobre *A Lei*, um pequeno livro de Bastiat que chamou a atenção da sociedade quando foi lançado em 1850. Constantino, nesta parte do livro, chama atenção ao culto ao poder executivo, delegando ao presidente o poder supremo, e a ele a razão do nosso futuro, que segundo o autor, trata-se de um erro pago até hoje pelos brasileiros.

O autor cita o ex-presidente Lula, quando ele afirma que dar dinheiro ao pobre gera consumo e renda e fica contra qualquer tipo de poupança. Nem uma coisa nem outra, o equilíbrio entre consumo e poupança gera um futuro mais equilibrado, afirmou Jean Baptiste Say, um economista francês, formulador da chamada a Lei de Say, onde o mercado se autorregula pela oferta e demanda dos seus bens e serviços, e assim, gera harmonia social. A mentalidade estatizante faz dos brasileiros reféns do governo e sempre se acredita que a iniciativa privada é contra o povo e quer escravizar o trabalhador, quando o contrário é verdade, o governo com seus impostos, taxas e regulamentações tornam o povo dependente das vontades pessoais de cada governante. Assim, disserta, “Democracia e socialismo não têm nada em comum além de uma palavra: igualdade; mas note a diferença: enquanto a democracia procura a igualdade na liberdade, o socialismo procura igualdade na restrição e servidão” ALEXIS DE TOCQUEVILLE, (Pag. 103).

Na segunda parte do livro, Constantino disserta sobre sua formação na Pontifícia Universidade Católica, a PUC, e a ausência de pensadores austríacos nas disciplinas de economia e a presença maçante de Keynes e Marx. Os progressistas tomavam conta da PUC, segundo o autor. Acredito que ninguém pode ensinar aquilo que não aprendeu! Nesta parte do livro aparece Ludwig von Mises, com seu livro, *As seis lições*. Um dos maiores economistas do século XX, de origem Judaica, este Austro-húngaro, fugiu para os Estados Unidos no início da Segunda Grande Guerra Mundial. De forma bem didática ele explica o Capitalismo, Socialismo, Intervencionismo, Inflação, Investimento Externo e Política e ideias. Assim, deixa o leitor mais próximo da realidade econômica, social e política em que vivem muitos países hoje em dia. O capitalismo não é o regime perfeito, mas é o que traz melhores resultados para o povo trabalhador. A figura do Estado como padrão só aumenta a pobreza e a corrupção. Esta fala permeia toda a obra. Nesta parte do trabalho o autor também disserta sobre o Nazismo e o Comunismo do Stalin na URSS, retratando o século XX como um grande laboratório social e político de ações coletivas e individuais que trouxeram consequências para uma grande parte da população global, com milhões de mortos e disseminação da pobreza no mundo. Um atraso histórico para os países do leste europeu que culminou com a dissolução da URSS em 1991.

Na terceira parte o autor trabalha dinheiro e valor, mas sinto a falta de Marx, apesar de ser um livro sobre liberalismo, não acredito que haja no mundo um pensador melhor que soubesse descrever valor e mais-valia como Karl Marx o fez em *O Capital* (1867). Na quarta e última parte Constantino trabalha os pensadores do século XX, trazendo as maravilhas das teorias de Michael Joseph



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

Oakeshott, Karl Raimund Popper, Eric Arthur Blair, mais conhecido como George Orwell, dos livros clássicos *1984* e *A Revolução dos Bichos* e Thomas Sowell entre outros que contribuíram para melhor conhecermos o estado, a sociedade, e homem em um contexto científico imparcial e com a objetividade que permeou toda a obra do Rodrigo Constantino. Ele nos brindou com um resumo histórico das melhores ideias dos liberais desde sua base até os mais avançados pensadores do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditar que fui justo ao realizar esta resenha com total imparcialidade e objetividade é ignorar ou esquecer tudo que li acima. Portanto, querido leitor, é impossível descrever tudo que aprendi em 448 páginas em apenas 6. Descrevo nestas poucas folhas o meu sentimento que esta obra do jornalista Constantino é de suma importância para todos nós da academia e para o povo brasileiro. Sua contribuição não é somente nacional, mas recomendo a leitura também as outras nações que creditam aos governos, seu futuro. Vimos que a presença por si só de um governo, é porque já existe uma classe constituída de poder e controle. A liberdade deve ser encontrada no bem comum e na natureza, o exemplo maior vivo, diário, como deveria ser nossas relações sociais e políticas no planeta Terra. Deveríamos aprender mais com a mãe natureza, como agir diante do infortuno e não delegar a outro humano seu destino e sua liberdade. É isto que o livro mostra o tempo todo. A liberdade precisa ser conquistada e vigiada todos os dias. Parabéns ao autor, excelente obra que deverá entrar para os anais da história como um livro que precisa ser absorvido pela nossa cultura.

